



Agora também protege o seu smartphone e tablet.

Apenas R\$ 0,99 no 1º mês



Qual é o seu nível de
Embromation em viagens?

DESCUBRA JÁ!



Assine 0800 703 3000 SAC

Bate-papo

E-mail

Notícias

Esporte

Entretenimento

Mulher Shopping

BUSCAR

na Cult na Web

CONECTE-SE

Esqueci minha senha



LOGIN

SENHA

MATÉRIAS EDIÇÕES COLUNAS OFICINA LITERÁRIA TV CULT BLOG MARCIA TIBURI ESPAÇO CULT LOJA CULT

Home > Edições > 139 > Os dilemas do trabalho no limiar do século 21

Os dilemas do trabalho no limiar do século 21

TAGS: dossiê

Do subemprego à exploração infantil, a situação contemporânea do trabalho exige uma reflexão à altura daquela relacionada ao meio ambiente

Ricardo Antunes

Se há um tema que está sempre presente nos debates atuais, junto com a destruição ambiental, esse tema é o do trabalho e seu corolário, o desemprego. Isso porque também não há nenhum país que, em alguma medida, não esteja vivenciando o desmoronamento do trabalho.

Em plena eclosão da mais recente crise financeira, estamos constatando a corrosão do trabalho contratado, a erosão do emprego regulamentado, que foi dominante no século 20 e que está sendo substituído pelas diversas formas alternativas de trabalho e subtrabalho, de que são exemplo o “empreendedorismo”, o “trabalho voluntário”, o “cooperativismo”, modalidades que frequentemente “substituem” o trabalho formal, gerando novos e velhos mecanismos de intensificação e mesmo autoexploração do trabalho.

Os modos de precarização do trabalho, o avanço tendencial da informalidade, o desemprego dos imigrantes, tudo isso acentua o tamanho da tragédia social em que estamos envolvidos. O emprego assalariado formal, modalidade de trabalho dominante no capitalismo da era taylorista e fordista, que magistralmente Chaplin satirizou em *Tempos modernos*, está se exaurindo e sendo substituído por formas de trabalho que em alguns casos se assemelham às da fase que marcou o início da Revolução Industrial. Senão, como explicar, em pleno século 21, as jornadas de trabalho que, em São Paulo, chegam a 17 horas por dia? Tudo isso nos obriga a refletir: que trabalho queremos, de que trabalho necessitamos?

Trabalho como atividade vital

Aqui, devemos fazer uma pequena digressão. Sabemos que o trabalho, concebido como *atividade vital*, nasceu sob o signo da contradição. Desde o primeiro momento, foi capaz de plasmar a própria sociabilidade humana, por meio da criação de bens materiais e simbólicos socialmente vitais e necessários. Mas também trouxe dentro dele, desde seus primeiros passos, a marca do sofrimento, da servidão e da sujeição. Ao mesmo tempo em que expressa o momento da potência e da criação, o trabalho também se originou nos meandros do “*tripalium*”, instrumento de punição e tortura. Se era, para muitos, dotado de uma *ética positiva* (ver as análises de Weber), própria do mundo dos negócios (cujo significado etimológico é *negar o ócio*), para outros, ao contrário, tornou-se um não valor, estampado na magistral síntese de Marx: “Se pudessem, os trabalhadores fugiriam do trabalho como se foge de uma peste!”.

Mas o século 20 moldou-se pela estruturação da chamada *sociedade do trabalho*, em que desde muito cedo fomos educados para o princípio fundante do trabalho. Esse cenário começou a ruir, no entanto, a partir dos últimos 20 anos. Tragicamente, quanto mais a população vem aumentando, menor é a capacidade de incorporar os jovens ao mercado de trabalho. Esta é a situação que vivenciamos hoje: não encontramos empregos para aqueles que dele necessitam para sobreviver e os que ainda estão empregados em geral trabalham muito e não ficam um dia sem pensar no risco do desemprego. Esse medo ocorre não só na base dos assalariados, pois essa tendência cada vez mais avança na ponta da pirâmide social, chegando até os gestores.

Desemprego

Uma rápida consulta aos dados acerca do desemprego mundial é esclarecedora. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), em recente relatório, projetou mais de 50 milhões de desempregados ao longo deste ano de 2009, em consequência da intensificação da crise que atingiu especialmente os países do Norte. A mesma OIT acrescentou ainda que aproximadamente 1,5 bilhão de trabalhadores sofrerão redução em seus salários (*Relatório mundial sobre salários 2008 – 2009*).

Adquira a coleção completa da Revista CULT de 2011 a 2013

EDIÇÃO 198



GASTRONOMIA É CULTURA?

ASSINE OU COMPRE

ANUNCIE

NEWSLETTER

EDIÇÕES ANTERIORES



ONDE VENDE A CULT?

A revista CULT circula nas melhores BANCAS do país, nas LIVRARIAS e ESPAÇOS CULTURAIS selecionados.

SAIBA MAIS

11º PRÊMIO BARCO A VAPOR DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL 2015



Na China, país que mais intensamente cresceu na última década, com quase 1 bilhão de trabalhadores, cerca de 26 milhões de trabalhadores que migraram do campo para as cidades perderam seus empregos, gerando a onda de revoltas a que assistimos atualmente.

A América Latina também não ficou de fora desse cenário: a mesma OIT antecipou que, dada a ampliação da crise, “até 2,4 milhões de pessoas poderão entrar nas filas do desemprego regional em 2009”, somando-se aos quase 16 milhões hoje desempregados, sem falar do “desemprego oculto” e outros mecanismos que mascaram as taxas reais de desemprego (*Panorama laboral para América Latina e Caribe*, janeiro de 2009).

No limite da degradação

Dentro de um contexto marcado por uma profunda crise estrutural, ampliam-se, portanto, as formas de aviltamento do trabalho. Os exemplos são abundantes e o espaço aqui seria por demais limitado. Mas podemos emblematicamente apresentar alguns casos mais expressivos.

A cada dia vemos mais e mais exemplos de trabalho escravo no campo; nos agronegócios do açúcar, no etanol de Lula, cortar mais de 10 toneladas de cana por dia é a média por baixo, *low profile*. No norte do país esse número pode chegar a até 18 toneladas diárias.

Em São Paulo, não é difícil localizar a degradação dos trabalhadores imigrantes, como os bolivianos, subempregados nas empresas de confecção, com jornadas que atingem até 17 horas diárias, configurando uma modalidade de trabalho no limite da condição degradante. E os exemplos se esparramam por todas as partes do mundo: *chicanos* (EUA), *dekasseguis* (Japão), *gastarbeiters* (Alemanha), *lavoro nero* (Itália) etc.

No Japão, jovens operários migram em busca de trabalho nas cidades e dormem em cápsulas de vidro do tamanho de um caixão. Configuram o que já chamei de *operários encapsulados*. Na América Latina, trabalhadoras domésticas chegam a trabalhar 90 horas por semana, tendo não mais que um dia de folga ao mês, conforme lembrou Mike Davis em seu *Planeta favela* (Boitempo, 2006).

Se, no século passado, os povos do Norte migraram em massa para o Sul do mundo (como os italianos, alemães, portugueses, espanhóis, tão bem acolhidos no Brasil), estamos presenciando o exato inverso. Nesse sentido, exemplos recentes na Espanha, nos EUA e na Inglaterra, contra os brasileiros, são por demais expressivos.

Outra manifestação, ainda que diferenciada, é também esclarecedora: trabalhadores britânicos em greve, no início de 2009, empunhavam um cartaz que dizia: “Empreguem primeiro os trabalhadores britânicos”, em manifestação contrária à contratação de italianos e portugueses. Se é justíssima a reivindicação de *salário igual para trabalho igual*, para se contrapor à tendência destrutiva dos capitais de explorar o imigrante carente de trabalho, é repulsiva a manifestação que estampe qualquer traço xenófobo contra trabalhadores imigrantes. O fenômeno é curioso: em plena apologética da assim chamada “globalização”, os capitais transnacionais podem fluir e viajar livremente, enquanto o trabalho imigrante encontra-se cada vez mais cerceado e tolhido. Talvez pudéssemos dizer que, enquanto os capitais transnacionais são livres em seus voos e saques, os trabalhadores imigrantes devem se manter cativos.

O trabalho jovem

São essas algumas das forças que moldam o mundo do trabalho hoje. Mas existe ainda um outro ponto – dentre tantos – que podemos lembrar, para concluir. Sendo a CULT uma publicação que tem nos jovens um público importante, vale a pena fazer uma nota geracional: poucos jovens hoje conseguem emprego nas carreiras que escolheram. Quando têm qualificação, perambulam de um emprego a outro até chegar – se conseguirem – ao que pretendiam inicialmente. Quando lhes falta o *capital cultural*, aí a empreitada é mais difícil. Para conseguir emprego, são “obrigados” a realizar trabalhos “voluntários”. Ou o que é ainda mais frequente: a explosão do trabalho do estagiário, que se converte em um trabalho efetivo com sub-remuneração.

Se a ordem societal dominante dificulta o acesso dos jovens em idade de trabalhar, ela inclui, por outro lado, precoce e criminosamente crianças no mercado de trabalho, não somente no Sul, mas também nos países capitalistas avançados. Pouco importa que o trabalho hoje seja supérfluo e que centenas de milhões de assalariados em idade de trabalho se encontrem em desemprego estrutural. Os capitais globais frequentemente recorrem ao *corpo produtivo* das crianças, que deveriam estar exercitando seu *corpo brincante* (na conceitualização de Maurício da Silva). E esse retrato se amplia quando estudamos a produção de sisal, de têxtil e confecções, calçados, cana-de-açúcar, carvoarias, pedreiras, olarias, emprego doméstico etc.

Por fim, outra contradição social cada vez mais vital: se os empregos se reduzem, aumentam os índices de desemprego, empobrecimento e miserabilidades social – realidade em que bilhões hoje vivem com menos de 2 dólares por dia. Se, como resposta, os capitais globais e suas transnacionais recuperarem os níveis de crescimento, como fez a China na última década, o aquecimento global nos converterá no mundo da torrefação. Trabalho e aquecimento global serão, portanto, os grandes dilemas do século 21.

Comente

Compartilhar

Imprimir

Curtir 14 pessoas curtiram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.



TWITTER

Tweets

Seguir

Revista Cult @revistacult 35m
FESTIVAL DE BERLIM: "Peter Greenaway ressuscita Sergei Eisenstein em ótima comédia".
goo.gl/o2Qnh7 pic.twitter.com/iXcVCYYBb2



Expandir

Revista Cult @revistacult 6h
Leia no blog da @marciatiburi: "Ignorante com poder e sem poder – um problema no âmbito da legalização do aborto". goo.gl/AYbHZ6
Expandir

Revista Cult @revistacult 22h
Festival de Berlim se rende a filme que denuncia acobertamento de criminosos pela Igreja.
goo.gl/yUBHvY pic.twitter.com/JlfrQgZpOV



Tweeter para @revistacult

ARTIGOS RELACIONADOS

05/01 - A representação das sobras
 16/09 - Uma leitura da Carta ao pai
 10/09 - TV CULT investiga Franz Kafka
 21/07 - "Eu questiono porque não basta ser"

COMENTÁRIOS (3)**Suraia Gomes** | 07/07/2010

Muito bom,estou fazendo um trabalho da universidade eestou usando como fonte este texto, obviamente estou citando a fonte. Obrigada a esta revista que sempre tem me auxiliado com bons textos informativos.Suraia

lino come silva | 18/04/2011

Ricardo Antunes aponta em seu texto um fenômeno que ele qualifica de curioso no que se refere á relação entre globalizaçãoe trabalho imigrante .

COMO ELE DEFINE ESSA RELAÇÃO ?.....

Voceis poderiam me responder .

Akira Lou | 28/10/2012

lino come silva

Ele fala, basicamente, da diferença de atitudes de dois povos diferentes, onde em um pais o estrangeiro é ignoradoe massificado, e em outro, ele é o alvo principal das empresas.

0 Comentários

Revista Cult

 Entrar ▾

Ordenar por Melhor avaliado ▾

Compartilhar  Favorito ★

Comece a discussão...

Seja o primeiro a comentar.

 Assinar feed Adicione o Disqus no seu site Privacidade

Editora Bregantini

Assine ou compre a Cult

Anuncie

Equipe

Pç. Santo Agostinho, 70 | 10º andar | Paraíso | São Paulo, SP | CEP 01533-070 | Tel.: (11) 3385-3385 - Fax.: (11) 3385-3386

Copyright © 2014 Editora Bregantini. Todos os direitos reservados.